

PSI-20	IBEX	S&P 500	NASDAQ	DOW JONES	DAX	FOOTSI	EURO/DÓLAR	YIELD 10 ANOS	YIELD 10 ANOS
Índice: Portugal	Índice: Espanha	Índice: EUA	Índice: EUA	Índice: EUA	Índice: Alemanha	Índice: Inglaterra	Taxa de câmbio	Obrigação do Tesouro	"Bund" (OT) alemão
1,94%	3,11%	2,45%	2,60%	2,48%	2,91%	2,50%	0,98%	4,570%	4,281%
Desde o início do ano: -34,07%	Desde o início do ano: -24,39%	Desde o início do ano: -15,30%	Desde o início do ano: -14,30%	Desde o início do ano: -15,21%	Desde o início do ano: -22,16%	Desde o início do ano: -16,96%	Desde o início do ano: -1,60%	Desde o início do ano: 2p.b.	Desde o início do ano: -13p.b.

Subsídios impedem que “ouro negro” volte aos preços antigos

Filipe Paiva Cardoso
filipecardoso@mediainf.pt

O aumento do consumo de bens derivados do petróleo que continua a registar-se nas economias emergentes, graças ao crescimento do total de consumidores nestes mesmos mercados, deverá impedir que o petróleo volte a níveis de “outros tempos”, ou mesmo aos 50 dólares de 2007, e que a quebra no preço por barril não chegue aos 80 dólares. A “culpa” é dos países onde os preços são subsidiados, já que é precisamente este ponto que está a provocar a falha no “ciclo” normal.

Segundo aponta o “BP Statistical Review of World Energy 2007”, ontem apresentado pela BP Portugal, “o consumo global cresceu nos países com preços subsidiados”, sendo que “os consumidores onde os preços são livres e os derivados do petróleo são taxados, foram os primeiros a sofrer as consequências”. Isto provocou que os países da OCDE registassem o pior declínio no consumo desde 1993 mas que “em contraste o consumo na não-OCDE” crescesse 1,4 mi-

lhões de barris/dia, “bem acima da média dos últimos 10 anos”.

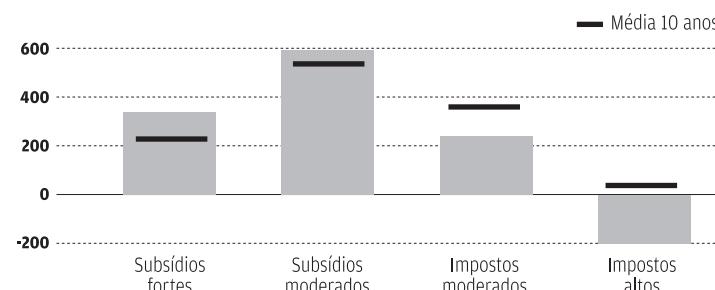
Ora, explica a BP, se noutras crises petrolíferas o aumento do preço do barril era depois “contrariado” pelo abrandamento do consumo, já que a procura era gerada pelas economias mais avançadas, responde-se assim a normalidade, agora tal não está a acontecer precisamente porque o “novo” consu-

mo vem de países onde os combustíveis, e outros derivados do petróleo, são subsidiados pelo Estado. O que evita, assim, que o consumidor sinta que o petróleo está caro e que haja uma retracção no consumo.

Esta situação levou a que “estejamos a viver o maior ciclo de crescimento do preço, que já vai em seis anos consecutivos, o maior desde 1861”, explicou António Compri-

Evolução do consumo varia conforme os subsídios e impostos

Nações com combustível subsidiado não sentiram a crise e continuam a pressionar o preço do petróleo.



A BP dividiu a evolução do consumo em quatro grupos de países. A barra mostra a evolução da procura no último ano, em comparação com a média dos últimos 10 anos (o traço preto) nos mesmos países. Com a divisão é notório que o aumento da procura actual está a ser impulsionado pelos países onde estes bens são subsidiados (China, Índia, Indonésia...) e que, por essa razão, o consumo não deverá abrandar já que os consumidores não sentem os aumentos dos preços.

Fonte: BP Statistical Review of World Energy 2008.

do, presidente da BP Portugal. O mesmo responsável lembrou que “há 10 anos o barril estava nos 11 dólares”, sublinhando que a sua empresa “não acredita em quedas muito significativas no preço do petróleo” que, antecipa, “deve estabilizar entre os 80 e os 100 dólares, não menos que isso”.

Já do lado da oferta, aponta a BP, o aumento da produção decretada pela OPEP em Novembro de 2007, “foi neutralizado por trabalhos de manutenção no Abu Dhabi e por interrupções nos fornecimentos na Nigéria”, sendo que a ligeira baixa do barril sentida recentemente se deverá “ao aumento da produção média da OPEP”, que superou em 850 mil barris/dia a média de Janeiro-Abril de 2007.

Portugal consome 302 mil barris
Segundo os dados da BP, em 2007 Portugal consumiu 302 mil barris de petróleo por dia, mais 0,2% do que em 2006, e um valor que compara com a subida de 1,1% no consumo mundial.

Os dados do relatório da BP ainda apontam que “as reservas petrolíferas” mundiais em 2007 ficaram estáveis, “nos 1,24 triliões de barris”, valor suficiente para satisfazer 41 anos de consumo.

€5
Gasóleo
Desde o início do ano
está mais caro encher
um depósito de 50 litros.

Taxa “Robin dos Bosques” compromete investimento e “hipoteca o futuro”

O presidente da BP Portugal, António Comprido, considerou ontem que a aplicação da denominada taxa “Robin dos Bosques” sobre as petrolíferas apenas serve para “hipotecar o futuro”, já que os montantes que serão retirados por esta nova taxa sairão dos fundos previsto pelas empresas para investimento. “O capital que geramos tem três destinos: os accionistas, os impostos e o investimento e naturalmente que se há mais impostos, o investimento será sacrificado” explicou.

“O consumo vai continuar a subir, logo é preciso investir cada vez mais na área energética, logo tudo o que impede investimentos hipoteca o futuro” sublinhou, durante a conferência de imprensa de apresentação do “BP Statistical Review of World Energy”.

Ainda segundo o mesmo res-



Se o Governo lança um imposto assim, levará as empresas a pensarem duas vezes antes de investirem no País.

António Comprido
Presidente BP Portugal

ponsável, a “Robin dos Bosques” não é mais do que uma “medida ‘ad hoc’ que não serve os interesses de ninguém, já que demonstra ‘instabilidade’ e, ‘se um Governo lança impostos assim, levará as empresas a pensarem duas vezes antes de investirem no país’, já que recaerão a curto-prazo também serem alvo de medidas ‘ad hoc’”. “Além disso e quando a indústria registar menos-valias, farão alguma coisa?” questionou António Comprido.

A taxa “Robin dos Bosques”, recorda-se, nasceu em Itália e visa tributar a parcela dos lucros que as petrolíferas registram graças ao aumento dos preços do petróleo.

O líder da BP Portugal aproveitou ainda para recordar que “as petrolíferas são obrigadas por lei a terem em ‘stock’ reservas para 110 dias de combustível”, o que lhes

acarreta um custo financeiro a rondar os 170 milhões de euros – já que é “mercadoria” parada – além “dos custos do armazenamento”. Obrigação legal pela qual, garante, ninguém as compensa.

Líder da BP de saída
Durante a conferência de imprensa de apresentação do relatório da BP, António Comprido aproveitou também para anunciar que está prestes a ser substituído no cargo por José Serrano Gordo depois de 20 anos na empresa, nove dos quais à frente da petrolífera.

“É a altura ideal para fechar um ciclo” referiu o gestor de 62 anos, que será no final do corrente mês substituído pelo actual responsável pelo negócio de combustíveis da BP Portugal, que também actua no gás, lubrificantes e aviação. **FPC**

€170M
Custo do ‘stock’
Para a BP, o custo com
110 dias de “stocks”
ascende a 170 milhões.